



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.984>

## **Guerra contra as mulheres: uma análise feminista da violência sobre a precarização de mulheres e os efeitos da pandemia.**

*War against women: a feminist analysis of violence on women's insecurity and the effects of the pandemic*

Fernanda Martins<sup>1</sup>

Laura Almeida Alagia<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo propõe analisar a violência de gênero no Brasil a partir do conceito de *guerra contra as mulheres*, cujo objetivo está em compreender as violências machistas que se materializam nos corpos das mulheres intrinsecamente ligadas a violências políticas, econômicas, laborais, institucionais. A luz do neoliberalismo, que produz novas subjetividades, precariedade e explorações, e da crise sanitária decorrente da pandemia do vírus Covid-19, constata-se que as mulheres são as primeiras a sentir os impactos do vírus e os casos de incremento explícito dos índices de violência doméstica expõem a interconexão de violências, a qual precisa tornar elemento analítico sobre a condição de vida atual e as estratégias de resistência aos processos incisivos de precarização.

**Palavras-chaves:** Guerra contra as mulheres, violência de gênero, COVID-19, neoliberalismo.

### **Abstract**

This article proposes to analyze gender violence in Brazil based on the concept of *war against women*, whose objective is to understand the *male* violence that materializes in the bodies of women intrinsically linked to political, economic, labor and institutional violence. In the light of neoliberalism, which produces new

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; mestre em Teoria, Filosofia e História do Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; bacharela e licenciada em História – UFSC; pesquisadora em teoria feminista e estudos de gênero vinculada à “Laboratoria: espacio de investigación feminista” e ao grupo de pesquisa CNPq-PUCRS “Criminologia, cultura punitiva e crítica filosófica”.  
E-mail: [Fernanda.ma@gmail.com](mailto:Fernanda.ma@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, integrante da “Laboratoria: espacio de investigación feminista”, produtora artística e revisora editorial da Editora Criação Humana.  
E-mail: [lauraalagiaa@gmail.com](mailto:lauraalagiaa@gmail.com)

subjectivities, precariousness and exploitation, and of the health crisis resulting from the pandemic of the Covid-19 virus, it appears that women are the first to feel the impacts of the virus and cases of explicit increase in the indexes domestic violence exposes the interconnection of violence, which needs to become an analytical element about the current life condition and strategies to resist incisive precarious processes.

**Keywords:** War against women, gender violence, COVID-19, neoliberalism.

## Introdução

O movimento feminista é uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social no mundo, e o tempo *presente* exige a construção de um pensamento emancipatório como ponto de partida, abarcando a diversidade e a potencialidade de vida. É nesse sentido que essa escrita pretende se desenvolver.

Para isso, procurará ser demonstrado que as mulheres carregam uma guerra consigo para além do ambiente doméstico, e que essa guerra se manifesta em seus corpos, conectada aos mais diversos tipos de violência. Fica evidente, dessa forma, o quanto a violência machista e o poder patriarcal são *pilares* da nossa sociedade. É a partir do olhar feminista que se desmascaram as violências que nos assolam - *nós mulheres*.

O poder patriarcal *coexiste* no ambiente público e no ambiente privado, e é sustentado igualmente por um sistema político-econômico. É a partir dessa perspectiva que se procura atualizar o conceito de *guerra* não apenas física, mas que acompanha as violências social, política, econômica que recaem sob os moldes de opressões, submissão e agressões, nas suas mais diversas formas, nos corpos das mulheres. O lar, o ambiente doméstico, se apresenta como *campo de batalha* e nele o machismo se manifesta como forma de *disciplinamento* do que se vive igualmente no ambiente público. Assim, de forma breve, é conceituado o que se entende por *neoliberalismo*<sup>3</sup> e como esse sistema político-econômico produz novas subjetividades.

É em meio a um cenário de horror e de desmontes públicos, que somos pegos de surpresa por uma pandemia mundial causada por um vírus chamado Covid-19.

---

<sup>3</sup> Neoliberalismo pode ser entendido como um fenômeno político, social, filosófico e histórico, que está ligado a uma racionalidade governamental, ou como uma arte de governar, como bem demonstrado por Michel Foucault, que o conceitua como práticas e valores econômicos que envolvem todas as relações da esfera da intimidade e que produz, conseqüentemente, uma nova subjetividade. Isso está ligado diretamente a uma forma de exercício de poder que caminha lado a lado com a globalização capitalista. (FOUCAULT, 2008).

A quarentena é a medida sanitária e preventiva mais eficaz no momento. Por isso, o trabalho apontará para os efeitos desse vírus na vida das mulheres e como ele despe, de maneira perversa, o poder patriarcal e machista estruturante na nossa sociedade. As mulheres, as chefes de família, as mães solo, as trabalhadoras informais, as mal pagas, as que não são pagas por seu trabalho, as encarregadas pelo trabalho reprodutivo que estão na linha de frente no combate ao novo coronavírus, as que não possuem a escolha de ficar em casa, são sobrecarregadas, são isoladas e passam a conviver 24 horas por dia com seus agressores. A vida de cada um depende da quarentena e é, novamente, no corpo das mulheres, que ela também manifesta e denuncia, a olhos nus, o poder patriarcal e as violências machistas estruturantes da nossa sociedade.

É, portanto, compreendendo a relevância em se conectar a análise sobre o aumento do índice de violência doméstica às demais representações de violência que atravessam corpos feminizados, que partimos da proposição de Verónica Gago (2019) para delinear nossa interpretação sobre a precarização e vulnerabilidade atuais:

Conectar as violências implica ampliar os limites do que se entende por “violência de gênero”, para vincular a violência de gênero às múltiplas formas de violência existem. Dessa forma “saímos do armário”, que nos transforma em meras vítimas para inaugurar uma palavra política que não só denuncia a violência contra o corpo das mulheres, como abre a discussão sobre as violências que recaem sobre outros corpos efeminizados e, além disso, permite o deslocamento de uma única definição de violência (sempre doméstica e íntima, por tanto isolada), para entendê-la relacionada a um plano de violências econômicas, institucionais, laborais, coloniais, etc. (Tradução livre) (GAGO, 2019. p. 62).

Dessa forma, são as leituras feministas dessa *guerra* que diagnosticam e denunciam que não podemos traduzir essas problemáticas em insegurança, transformando todas essas categorias em meras vítimas, e não devemos deixar que nossas vozes sejam utilizadas para que se demande por mais formas de controle. E ao mesmo tempo, é através dessa leitura que somos capazes de compreender a radicalidade das vulnerabilidades que intensificam a precarização das vidas em contexto de pandemia.

## 1 O feminismo como instrumento de conexão entre as violências sofridas e as reivindicações compartilhadas

Para atualizar o conceito de *guerra contra as mulheres*, já anunciado por diferentes autoras que compõem o movimento feminista atual, e demonstrar o quanto violências machistas que se materializam nos corpos das mulheres estão intrinsecamente ligadas a violências políticas, econômicas, laborais, institucionais, etc, propõe-se a elucidar a *guerra* enquanto *atual* e *constante*, também como forma de acumulação de capital.

### 1.1 neoliberalismo e o cenário de pandemia como intensificadores da imposição do dever de cuidado aos corpos feminizados

O corpo das mulheres e os corpos feminizados foram permanentemente marcados como sendo uma extensão de território e, portanto, de conquista. Esses corpos foram encarados como aqueles cuja existência ocorre única e exclusivamente sob custódia dos homens, sejam eles pais, maridos, irmãos e filhos. É importante destacar a importância de, atualmente, nos referirmos a guerra num sentido amplo que abrange não apenas corpos femininos e feminizados, mas que também são marcados pela raça, pela classe, e por aqueles considerados dissidentes às normas binárias de gênero, e, conseqüentemente, pedem uma leitura interseccional de vulnerabilidade.

Atualmente é extremamente importante entender *a guerra como chave* (GAGO, 2019, p. 64-65) e como ela continua fazendo parte de um projeto atual, que exige o fortalecimento institucional para continuar, e intensificar, o controle e a resposta punitiva. O neoliberalismo produz, nas palavras de Dardot e Laval (2016, p.16) “certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” e é no núcleo dessa racionalidade que se constroem novas “formas de existência.” (DARDOT; LAVAL, 2016).

A ideia sobre guerra se atualiza, se apresentando hoje de múltiplas formas sobretudo nos corpos de *nós mulheres*<sup>4</sup>, negras, indígenas, camponesas, lésbicas,

---

<sup>4</sup> Ao escrever “nós mulheres”, utiliza-se como referência o texto lançado, no dia 8 de janeiro de 2018, pelo coletivo feminista argentino Ni Una Menos como convocatória para o 8M, Paro Internacional de Mulheres daquele mesmo ano: “Quando dizemos #NósParamos, inventamos um “nós” que abriga mulheres, lésbicas, travestis, trans e todas as identidades dissidentes do cis-hetero-patriarcado.

bissexuais, transsexuais, travestis, trabalhadoras. Ela não se materializa apenas nas violências físicas, psicológicas e patrimoniais, mas extensivas às múltiplas formas de precarização de vida que envolvem atual arranjo social-econômico que nos rege.

Embora seja importante pontuarmos o que é então esse projeto atual neoliberal, não é objetivo adentrar profundamente no tema, mas elucidar conceitos para seu melhor entendimento. Muito tem se falado sobre *neoliberalismo* a partir de discussões históricas, sociológicas e filosóficas no Brasil e no mundo. O termo ganhou importância nas últimas décadas, sobretudo na tentativa de entendimento acerca de uma *racionalidade política* (BROWN, 2018a, p. 294). É nessa matriz econômica que atualmente pautam-se todas as esferas da vida, também delimitadas por um poder que se alastra. Michel Foucault (2008), em 1979, ministra no Collège de France, um curso repleto de inovações e diretrizes acerca de um profundo mergulho que o mundo estava prestes a dar, no qual a sociedade neoliberal passa a produzir outras subjetividades, submetidas à concorrência do mercado e, portanto, empresariais. Algumas dessas novas fases do capitalismo, escreve Wendy Brown (2017), são

[\*] a ascensão da “governança”, a junção dos léxicos políticos e empresariais, por meio dos quais a razão neoliberal é disseminada; a antipatia da governança pela política; e a substituição das regras do direito por instrumentos de governança tais como *benchmarks*, *guidelines*, gestão especializada e melhores práticas.

[\*] a transformação da ação e dos atores econômicos pela governança, de tal forma que trabalho em equipe [*teamwork*], responsabilização e consenso dos participantes [*stakeholders consensus*] substituem o interesse individual; a mudança, em suma, de um discurso neoliberal de sujeitos livres para um discurso mais explícito sobre sujeitos governados, “responsabilizados” e geríveis.

[\*] o modo pelo qual a governança integra autoinvestimento e capital humano responsabilizado no projeto de uma economia crescente, mitigando em seguida a importância dos “interesses” e a liberdade individuais.

[\*] a maneira pela qual essas características da governança e do capital humano geram um cidadão que é, ao mesmo tempo, integrado no e identificado com o projeto da saúde econômica de uma nação, um cidadão que pode ser legitimamente substituído ou sacrificado quando necessário, especialmente no contexto de políticas de austeridade. (BROWN, 2017, p; 71-72).

---

Dizemos Parada internacional porque esta é a ferramenta que nos permite visibilizar, denunciar e enfrentar a violência contra nós, que não se reduz a uma questão privada ou doméstica, mas que se manifesta como violência econômica, social e política, como formas de exploração e desapropriação que crescem diariamente (de demissões à militarização de territórios, de conflitos neo-extratvistas ao aumento do custo dos alimentos, da criminalização do protesto à criminalização da migração, etc.). (NI UNA MENOS, 2018).

O neoliberalismo se abarca nos fundamentos da democracia liberal e deposita todas as suas bases em discursos pautados, como nas palavras de Brown (2018a, p. 294), “nos princípios de constitucionalidade, igualdade diante da lei, liberdades políticas e civis, autonomia política e universalismo no rumo dos critérios do mercado: razões de custo-benefício, eficiência, rentabilidade e eficácia.” É, portanto, nesse sentido, que falsamente somos levados a crer que temos, de alguma forma, soberania, quando na verdade somos apenas geridos por um “operador de gestão de negócios”, às sombras do Estado (BROWN, 2018a, p. 294).

Procura-se, primeiramente, pontuar o que entende-se como *neoliberalismo* e o quanto a *racionalidade neoliberal* afeta diferentemente homens e mulheres, de modo que há um delicado ponto que merece destaque nessa governamentalidade: o trabalho feminino não pago, situado em âmbito doméstico, bem como a inserção necessária do trabalho feminino no mercado de forma precarizada, informal. É, a partir desse novo quadro político e econômico, que se buscam conectar violências e trazer a ideia de que o aumento dessas opressões no âmbito doméstico está interligado às opressões no âmbito externo.

Wendy Brown (2018b), explica

O neoliberalismo é comumente compreendido como um conjunto de políticas econômicas que promove ações sem restrição, fluxos e acumulações de capital por meio de tarifas baixas e impostos, desregulamentação das indústrias, privatizados de bens e serviços previamente públicos, desmonte do Estado de bem-estar social e da destruição do trabalhismo organizado. (BROWN, 2018b, p. 60-79).

A inclusão da força de trabalho feminina em jornadas duplas, triplas, por exemplo, é extremamente necessária para que essa roda harmônica continue a girar. As mulheres carregam nas costas o trabalho doméstico não remunerado, que é historicamente associado a um *trabalho desempenhado por amor* (FEDERICI, 2019, p. 40-41) e, como se já não bastasse executar um papel significativo na acumulação de capital nesse sentido, ainda está submetida ao *mercado de trabalho* para além de seus lares.

A figura do homem-provedor, daquele que carrega consigo a figura do sustento, se traduz especialmente naquilo que se determina como *doméstico*. E as discussões acerca do *trabalho reprodutivo da vida*, o *status político que deve se dar ao cuidado*, são questões que também são elucidativas para compreender o *atual cenário de guerra que implode os lares*, causado pelo neoliberalismo. É

primeiramente nesse espaço - nas casas, nos lares, no ambiente doméstico -, que se enraízam dinâmicas de violência, opressão e exploração. As casas, que aparentemente são lugares pacíficos, são os primeiros *campos de batalha* dessa guerra.

Com a necessidade do alargamento da inserção de mulheres<sup>5</sup> como mão-de-obra de trabalho na busca pelo *desenvolvimento*, formalmente sob a premissa de *inclusão e igualdade entre homens e mulheres*, nascem novas problemáticas nessa dinâmica interna. No Brasil essa dinâmica aparece ao fazer seus contornos com a elucidação do *feminismo institucional* (CARNEIRO, 2003) e que hoje se confunde e se perpetua através do *feminismo liberal*, resumindo a solução de seus problemas à igualdade formal de homens e mulheres no texto constitucional, após longo período marcado por uma Ditadura Civil-Militar e, a partir disso tende a resumir à produção de leis e à resposta do poder punitivo violências pontuais (MARTINS, 2019).

A ascensão e intensificação da *razão neoliberal* opera de forma a tornar mais intensa algumas questões que se refletem na vida das mulheres, mas é na luta feminista que se encontra um movimento de resistência a esse sistema.

à razão neoliberal se contrapõe, hoje, uma razão feminista (que é sensibilidade, modo de cálculo, estratégia e produção de sentido): isto é, um modo de pensar, fazer, lutar e desejar que extravasa a opção imposta entre serem vítimas ou empreendedoras (ambas opções de subjetivação do catálogo neoliberal). (GAGO, 2018, p. 12).

O desemprego desenfreado, a precarização da vida que atinge homens e mulheres, a falsa ideia de autonomia e liberdade e, hoje, o recebimento de salário enquanto privilégio em um mundo marcado pelas economias ilegais e informais (GAGO, 2018), também acabam por, de certa forma, se reproduzir frente a estruturas de poder que marcam o ambiente doméstico.

É nesse sentido que podemos fazer uma conexão entre violência econômico-financeira e o aumento de mulheres em situação de violência dentro de suas casas, reforçada por essa dinâmica patriarcal, que também é política, econômica, histórica,

---

<sup>5</sup> Parece necessário afirmar que se trata de um alargamento dessa inserção, haja vista mulheres negras estarem no mercado de trabalho muito antes dos debates liberais sobre trabalho produtivo e reprodutivo e equidade profissional entre homens e mulheres. A exploração dos corpos feminizados e racializados marca a própria semântica do *trabalho* e isso é indispensável para manutenção das hierarquias e das estratificações que propriamente resultam em distribuição de violências desiguais.



colonial. O que emana dos lares, sem dúvida, se estende como modos de opressões vividas externamente e vice-versa.

Hoje, o que torna tudo ainda mais delicado é a realidade que enfrentamos causada pelo COVID-19 <sup>6</sup>, fazendo com que a sociedade se volte única e exclusivamente para o ambiente doméstico como fonte de segurança, saúde e cuidado. Os níveis de violência doméstica aumentaram exponencialmente quando mulheres precisaram aderir a quarentena frente a uma das maiores crises sanitárias já vistas mundialmente.<sup>7</sup>

Como demonstrado precursoramente por Rosa Luxemburgo, citada por Verónica Gago (2019, p.84), *“a guerra é historicamente um momento estratégico de acumulação do capital”*. Hoje o movimento feminista permite *“um marco de compreensão de como o neoliberalismo produz violência contra as mulheres e corpos feminizados e, por isso, essa guerra é possível de ser politizada e confrontada.”* (GAGO, 2019, p.84). Para que possa ser entendido como a guerra atualmente é contra as mulheres, e a forma com que ela se materializa, é importante tecer alguns caminhos.

Gago (2019) elucida

Michel Foucault (1976; 1992) propôs a guerra como princípio de análise das relações de poder e, de forma mais precisa, o modelo de guerra e luta como princípio de inteligibilidade e análise do poder político. Também argumentou uma existência de guerra permanente, como som e filigrana, por trás de toda ordem. De modo que a guerra seria “o ponto de máxima tensão das relações de força”, e ainda um enredo “de corpos, de casos e de paixões”: um verdadeiro arranjo sobre o qual se monta uma “racionalidade” que deseja apaziguar a guerra.

Silvia Federici (2011) fala de “um estado de guerra permanente contra as mulheres”, onde o dominador comum é a desvalorização da vida e do trabalho que a globalização contemporânea impulsiona. (Tradução livre). (GAGO, 2019, p. 64).

A guerra que se desenvolve em âmbito doméstico é atualizada hoje como um indício de todas as cadeias de explorações e humilhações a que estão submetidas todas as formas de vida em todos os territórios de existência possíveis. Para isso, inegavelmente, as mulheres precisam acabar com a ideia de que a violência

---

<sup>6</sup> Covid-19 é uma doença que atingiu o mundo inteiro em 2020 e impactou as atuais dinâmicas sociais no mundo. O assunto será desenvolvido no decorrer do presente trabalho.

<sup>7</sup> No subcapítulo seguinte esse aumento exponencial será apresentado, junto a análise dos desafios a serem considerados pós-pandemia.



doméstica acontece no âmbito privado, como se fossem casos isolados e categorizados como íntimos (GAGO, 2019, p. 76). Verónica Gago escreve

Essa forma de enfrentar a violência convertendo-a em uma questão que não é privada e tampouco a ser entregue a soluções estatais permite aprofundar o diagnóstico das formas de violência que se expressam “domesticamente”, vinculadas de modo direto a outras violências (política, econômica, laboral, institucional, mediática, etc). Isso também muda o plano que envolve as “soluções” ou respostas. (Tradução livre). (GAGO, 2019, p. 76).

O que se busca como resposta frente a essas dinâmicas de violência e opressão, é que seja evitada a redução da violência doméstica como um *gueto de gênero* (GAGO, 2019, p. 83). determinando e reduzindo essas questões a respostas simplistas solucionadas de forma igualmente “*guetificantes*”: uma nova secretaria (de Estado), uma nova seção (de sindicato) ou um novo programa (de saúde). (GAGO, 2019).

Trata-se, assim, de se assumir que a luta contra violências demonstra-se ineficiente da forma com que hoje é feita, por ser mascarada pela ideia simplista e reativa baseada no sistema punitivo. A garantia de direitos, de justiça e de segurança não está diretamente ligada a quantidade de textos legais disponíveis, tampouco a respostas meramente burocráticas e ou carcerárias para regulamentar o convívio social, uma vez que esses também são mecanismos opressores.

## 1.2 Uma leitura feminista dos efeitos da pandemia

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou a pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus. O vírus chega de outro lugar e se propaga com facilidade, não respeita fronteiras e não escolhe quem contaminar. Não existem, portanto, diferenças raciais, sociais, históricas para que o contágio aconteça. Todos, independentemente de classe, raça, etnia, gênero, estão sujeitos a se infectar. E, em um piscar de olhos, as desigualdades que assolam o mundo se evidenciam de forma alarmante.

Nesse sentido, importante falar sobre o quanto autoridades governamentais e organizações internacionais, como é o caso do governo brasileiro e da própria ONU, tem insistido na retórica da guerra contra vírus para se referir às ações para conter a pandemia causada pelo coronavírus. Desloca-se o foco (e a

responsabilidade) sobre a luta pela vida e pela garantia de sobrevivência de cada ser humano para a falsa ideia de combate ao inimigo invisível comum.

Não à toa outro discurso que se populariza é o de desejo pela volta à *normalidade*, que atende diretamente aos interesses daqueles que tem seus anseios no controle social e político total.

Isso porque a medida de saúde preventiva que se mostrou eficaz em diversos países do globo foi a aderência da sociedade civil à quarentena, ao isolamento social. A quarentena é, portanto, uma medida restritiva do trânsito de pessoas em áreas públicas e/ou privadas em busca de que a disseminação do vírus diminua. Diversos especialistas demonstram e alertam para o fato de que, quanto menos pessoas estão circulando e entrando em contato umas com as outras, menos pessoas se contaminam.<sup>8</sup>

É no cenário de vida precarizada que o vírus chega, após anos desmontes da saúde pública, da superexploração dos trabalhadores, sobretudo imigrantes, racializados, femininos e feminizados e em vivências marcadas pela violência de gênero. Não traz surpresa alguma, portanto, que as mulheres estejam entre as pessoas que mais sofrem durante esse período. Nesse sentido, em matéria publicada pelo jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* (2020), Dominique Goulart escreve:

Não se tratam de problemas ditados pelo vírus; algo imposto por sua natureza, mas sim do escancaramento e do aprofundamento das desigualdades sociais já existentes, colocando com escárnio à nossa frente o modo de vida que temos escolhido e assentido naquilo que consagramos como normalidade. (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2020).

São as mulheres que dão status político ao cuidado, que realizam os trabalhos não pagos, que vivenciam duplas, triplas jornadas de trabalho mal pago e estão na linha de frente das atividades que garantem a reprodução e manutenção da vida<sup>9</sup>. Hoje, mais do que nunca, casa e trabalho recaem em um mesmo espaço físico

Hoje, podemos ver que elas [as mulheres] estão na linha de frente como trabalhadoras da assistência social e da sanitária, e mesmo nos trabalhos mais precarizados. Há ainda uma carga maior do trabalho em casa: cuidar

---

<sup>8</sup> Em casos mais extremos, alguns países adotaram *lockdown*, como foi o caso da Espanha, França e China. É, portanto, uma versão mais rígida do distanciamento social e quando a recomendação se torna obrigatória. É uma imposição do Estado que significa bloqueio total.

<sup>9</sup> Pesquisa realizada pela Revista *Azmina* com a Gênero e número demonstra que no Brasil, 84,7% dos auxiliares e técnicos de enfermagem são mulheres. Entre os profissionais com ensino superior, elas são 86,2%. (REVISTA AZMINA, 2020a).

dos filhos em tempo integral, não lhes transmitir medo, protegê-los dessa ameaça.(FEDERICI, 2020).

A quarentena não se estende a todos de forma igual. O direito de estar em casa tem como base gênero, raça e classe, bem como impactos diferentes no norte e no sul global. A quarentena de alguns também não é sinônimo de segurança, pois nos lares estão montados os campos de batalha, conforme discutido anteriormente.

A *implosão dos lares* (GAGO, 2019, p. 76-77) já estava diagnosticada antes da quarentena e faz com que hoje mulheres, negras, lésbicas, travestis e transsexuais, passem a conviver 24 horas por dia com seus agressores. No Brasil, os números de casos de violência contra mulher no ambiente doméstico aumentaram consideravelmente.

Em São Paulo, de acordo com a Agência Brasil (2020), os atendimentos da Polícia Militar a mulheres vítimas de violência aumentaram 44,9%. O total de socorros prestados às mulheres em São Paulo passou de 6.775 para 9.817, na comparação entre março de 2019 e março de 2020. A quantidade de feminicídios também subiu no estado, de 13 para 19 casos (46,2%). (FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020). No estado do Rio de Janeiro, houve um aumento de quase 9% (MDH, 2020) no número de ligações para o canal que recebe denúncias de violência contra a mulher, o Ligue 180<sup>10</sup>.

Outro detalhe de extrema importância é o que faz referência à realização de denúncias: em tempos de quarentena e confinamento, muitas mulheres não têm conseguido sair de casa para realizar essas denúncias ou têm medo de realizá-las, uma vez que os agressores estão conjuntamente em quarentena. Isso indica que os números podem ser ainda maiores do que os publicados.

Em resposta a esses números, e flertando diretamente com o que Naomi Klein intitula como *capitalismo do desastre* (KLEIN, 2007), o presidente do país, Jair Bolsonaro, minimizou a ocorrência e o aumento nos índices de violência doméstica durante a quarentena. Em suas palavras “tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão”. (REVISTA AZMINA, 2020b).

---

<sup>10</sup> A Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência - Ligue 180 – é um serviço de utilidade pública gratuito e confidencial (preserva o anonimato), oferecido pela Secretaria Nacional de Políticas, desde 2005. O Ligue 180 tem por objetivo receber denúncias de violência, reclamações sobre os serviços da rede de atendimento à mulher e de orientar as mulheres sobre seus direitos e sobre a legislação vigente, encaminhando-as para outros serviços quando necessário.

Primeiro, destina o corpo feminino a agressão, à morte, sem problematizar a figura do agressor, responsabilizando diretamente a vítima. Em segundo lugar, reduz a violência doméstica ao espaço privado, que acontece no seio íntimo familiar. Em terceiro lugar, reforça indiretamente no discurso a necessidade de que se salve a economia em detrimento da vida. Há um casamento moldado na figura da família burguesa entre a necessidade de se privatizar um problema social com o discurso de guerra contra o vírus. Dentro dos lares, o poder patriarcal, que é evidenciado nas falas do próprio presidente da República, se traduzem em números crescentes e em um estado de sofrimento constante.

Rita Segato (2020) observa que

na base da violência masculina se encontra a frustração e que o sujeito masculino reage violentamente quando seus desejos e intenções são frustrados. A frustração de não poder sair, o confinamento sob olhares vigilantes dentro de casa, não poder ter certas liberdades, ruminar durante horas alguma traição, alguma infidelidade ou algum abandono, pode detonar a violência. Tudo isso agora é ampliado. Mas o mais importante que posso dizer é que estamos frente a uma situação ainda não vivida anteriormente. Todas as formas de violência e crime diminuíram e a de gênero aumentou. Poderíamos pensar que compreendemos, mas precisamos ser humildes e exercitar uma curiosidade enorme porque estamos diante do desconhecido e isso nos obriga a investigar o que está acontecendo, em primeiro lugar, com a masculinidade nesta situação de confinamento, e o que aconteceu, também, com a feminilidade. Como esta relação de gênero se comporta nesse novo cenário? É um momento que necessita de estudo e observação. Apenas dessa forma haverá eficácia na ação. (SEGATO, 2020).

O isolamento, por mais que seja a medida de prevenção mais eficaz contra o perigo viral, é inegavelmente uma ordem política patriarcal e que carrega consigo, mais uma vez, violências que recaem sob o corpo das mulheres. É nesses corpos e é no espaço doméstico que capitalismo procura passar por esse momento de crise, sobrecarregando aquelas pessoas que executam as mais diversas atividades para reconstrução em um *pós pandemia*. É também sobre esses corpos que a crise financeira recairá e que o endividamento ficará evidenciado de maneira exponencial. As violências, como já anunciado anteriormente, estão intimamente ligadas. Por isso, não é inesperado que se ouça o discurso, como desejo, de retorno à normalidade.

Dessa maneira, a agenda feminista demonstra o que vem discutindo há anos: é necessário que se reforce a ideia de politizar o ambiente doméstico e entender o *nosso não-lugar* nessa lógica que nos é imposta. Esse reconhecimento também é

uma forma de combate à violência e de garantia de seguridade. Para além das casas-abrigo, das creches, das escolas, da igualdade salarial, entre outros, ao tecermos todas essas violências que carregamos, passaremos a *questionar os lugares que o mundo atual nos impõe*, constantemente sendo pautados pela vitimização e pela exploração.

É assumindo esse *não-lugar*, que não nos acolhe e sobretudo nos exclui, que Luci Cavallero e Verónica Gago, no livro “Uma leitura feminista da dívida”, fazem desmoronar não só a farsa de inclusão nas finanças que carrega consigo o *feminismo liberal* como mediador, como também o confinamento doméstico que nos é imposto: “não somos nem vítima, nem empreendedoras”. (CAVALLERO, GAGO, 2019, p. 32-33). Abrem-se, dessa forma, novas possibilidades para uma agenda pós-pandemia de enfrentamento, politização, desobediência financeira e radicalidade feminista como transformação.

Nas palavras de Angela Davis (Davis, Klein, 2020),

Acredito que temos a capacidade de criar organizações feministas e que a gente pode chamar de abolicionistas as organizações feministas, porque todas essas questões são feministas. O racismo é uma questão feminista. A falta de moradia é uma questão feminista. A abolição das prisões é uma questão feminista. Devemos levar em consideração também o fato de que muitas pessoas no centro desta crise, na linha de frente, são mulheres. Mulheres de todas as origens raciais e étnicas, mulheres pobres, mulheres trans – especialmente nos países do sul do mundo. (DAVIS; KLEIN, 2020, p. 17).

A luta que *nós mulheres* pautamos deve ser uma luta que também ocorre *na crise*, conectando violências e possibilidades de um mundo outro que é possível. Nossas vidas, nossos corpos, nossos lares, nossas famílias, são inegociáveis. Como afirma Judith Butler, *o futuro é feminista* e “a não violência deve ser uma posição ativa e apaixonadamente perseguida”. (BUTLER, 2019).

## **Considerações Finais**

O presente artigo propôs um caminho *investigativo* sobre a violência de gênero no Brasil, estabelecendo a *urgência de compreender a relação de violências conexas* através do conceito *guerra contra as mulheres*.

As mulheres carregam uma guerra consigo para além do ambiente doméstico e que essa guerra se manifesta em seus corpos, conectada aos mais diversos tipos de

violência. Fica evidente, dessa forma, o quanto a violência machista e o poder patriarcal são pilares da nossa sociedade.

Buscou-se, assim, demonstrar que existe uma *guerra* e ela fica evidente e recai, justamente, no corpo das mulheres, atualizada sob uma perspectiva econômico-político-financeira. Para tanto, conceituou-se de forma pontual o que entende-se por *neoliberalismo*, que produz *subjetividades e novas formas de existência*.

É nesse cenário que são demonstrados os impactos da crise sanitária decorrente da pandemia do Covid-19. A medida de segurança e prevenção mais eficaz para que vidas sejam salvas é a quarentena, fazendo com que voltemos aos lares, lugares esses que são verdadeiros *campos de batalha*. Os índices de violência de gênero aumentam e, mais uma vez, as falhas do sistema punitivo como meio de combate à violência são demonstradas.

São as mulheres que sentem os primeiros efeitos dos impactos do vírus e de uma crise que é marcada pela precariedade e por explorações antes, durante e pós pandemia. São elas que estão na linha de frente de combate ao coronavírus, que são responsáveis pelos trabalhos reprodutivos e pelos trabalhos de cuidado. São as mulheres que estão confinadas com seus agressores e que sentem a violência financeira batendo a sua porta. Por isso, acredita-se estar na *potência feminista* uma *forma de resistência e transformação radical* dessa realidade.

## Referências

AGENCIA BRASIL. **SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia.** 20/04/2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia>>. Acesso em: 15 jun. 2020

BROWN, Wendy. Hoje em dia, somos todos democratas. **Sapere Aude**, v. 9 n. 17 (2018): Dossiê: Democracia em crise, p.291-302. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2018v9n17p291-302>>. Acesso em 3 jun. 2020.

BROWN, Wendy. Neoliberalism's Frankenstein: authoritarian freedom in Twenty-First Century "Democracies". **Critical Times**, v. 1, n. 1, 2018b. p.60-79. Disponível em: <<https://read.dukeupress.edu/critical-times/article/1/1/60/139328/Neoliberalism-s-Frankenstien-Authoritarian-Freedom>>. Acesso em: 10 jun.2020.



BROWN, Wendy. **Undoing the demos**: neoliberalism's stealth revolution. Cambridge, MA: Zone Books, 2017.

BULTER, Judith. **Judith Butler: Matar é o ápice da desigualdade social**. In: EL PAÍS. 29/11/2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/cultura/1543350943\\_401404.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/cultura/1543350943_401404.html)>. Acesso em: 19 jun. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: **Estudos Avançados**, vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec, 2003.

CAVALLERO, Luci; GAGO, Verónica. **Uma leitura feminista da dívida**. Vivas, livres e sem dívidas nos queremos. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

FEDERICI, Silvia. #Luchasporlavida. Canal Traficantes de Sueños. 16 de abril de 2020. (16min11s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=owGL58FdCPs>>. Acesso em: 12 maio 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. Trabalho doméstico, reprodução e uma luta feminista. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Violência Doméstica Durante a Pandemia de Covid-19**. 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>>. Acesso: 17 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAGO, Verónica. **A razão neoliberal**. Economias barrocas e pragmática popular. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

GAGO, Verónica. **La potencia feminista**. O el deseo de cambiarlo todo. Buenos Aires: Editora Tinta Limón. 2019.

KLEIN, Naomi. **The Shock Doctrine**: The Rise of Disaster Capitalism, Ed: Henry Holt, 2007.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Notas sobre uma leitura feminista da pandemia**. Dominique Goulart. 31/03/2020. Disponível em <https://diplomatie.org.br/notas-sobre-uma-leitura-feminista-da-pandemia/>. Acesso: 31 mar. 2020.

MARTINS, Fernanda. **Feminismos criminológicos**: heterot[r]opias da abolição. Tese (Doutorado em Ciências Criminais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Direito, 2019.



MDH – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena.** Notícias, março de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>>. Acesso 15 jun. 2020.

NI UNA MENOS. 2 meses para el #8M: El tiempo de la rebelión. Manifiestos. 08/01/2018. Disponível em: <http://niunamenos.org.ar/destacada-home/2-meses-para-el-8m-el-tiempo-de-la-rebelion/>.

REVISTA AZMINA. **Enfermeiras na linha de frente contra o coronavírus.** 19/03/2020a. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/enfermeiras-na-linha-de-frente-contra-o-coronavirus/>. Acesso 17 jun. 2020)

REVISTA AZMINA. **Violência contra mulher: mais uma epidemia que Bolsonaro minimiza.** 31/03/2020b. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/violencia-contra-mulher-mais-uma-epidemia-que-bolsonaro-minimiza/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SEGATO, Rita. **O sentido maior da liberdade está na incerteza.** Entrevista concedida à Astrid Pikielny para o jornal La Nación, caderno “Opinión”, em 2 de maio de 2020. Tradução de Catarina Lins para Editora Bazar do Tempo. Disponível em <https://bazardotempo.com.br/a-verdadeira-liberdade-esta-na-incerteza-entrevista-com-rita-segato/>. Acesso 17 jun. 2020.

*Recebido em: 17/08/2019.  
Aprovado em: 03/09/2020.  
Publicado em: 07/09/2020.*